

# EDUCAÇÃO POPULAR E ECONOMIA SOLIDÁRIA

Autoria: CALIXTO, Flander de Almeida – UFU – [flander@ufu.br](mailto:flander@ufu.br)<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho é uma primeira abordagem teórica das experiências de economia solidária, a partir da atividade desenvolvida no Bairro Joana D'arc em Uberlândia-MG, Projeto Artcon-Velas, com um grupo popular que está organizando uma produção de velas religiosas para comercialização. Comentaremos alguns pontos da metodologia de educação popular utilizada e a fundamentação freiriana que a endossa fazendo breves aproximações com a psicanálise. O segundo ponto abordado, sem aprofundamentos, refere-se à participação feminina como um fator diferencial entre os atores da economia solidária.

**Palavras chave:** educação popular, trabalho, economia solidária, atoras femininas,

**Abstract:** This work is a first theoretical approach of the solidary economy's experiences, from the activity developed in Joana D'arc's quarter in the city of the Uberlândia-MG, Artcon-Candle Project, with a popular group that is organizing a production of religious candles for commercialization. We will comment some points of the methodology of popular education used and the freirian basis that endorses it making brief approaches with the Psychoanalysis. The second point boarded, without deepnesses, refers to feminine participation as a distinguishing factor between the actors of the "solidary economy".

**Keywords:** popular education, work, "solidary economy", feminine actors.

## Educação popular e Economia Solidária

*Agora, eu, eu sei como tudo é: as coisas que acontecem, é porque já estavam ficadas prontas, noutra ar, no sabugo da unha; e com feito tudo é grátis quando sucede, no reles do momento.*

*A opinião das outras pessoas vai se escorrendo delas, sorradeira, e se mescla aos tantos, mesmo sem a gente saber, com a maneira da idéia da gente*  
(Grande Sertão Veredas. Guimarães Rosa)

Este trabalho pretende focar dois aspectos que temos observado em decorrência das ações implementadas pela Incubadora de Empreendimentos Solidários da UFU<sup>2</sup>. O primeiro deles diz respeito às experiências com a metodologia de educação popular que estamos desenvolvendo e, o segundo sobre a presença da mulher neste tipo de organização produtiva para geração de renda e desenvolvimento social.

---

<sup>1</sup> Pesquisador de Paulo Freire e Psicanálise lacaniana, coordenador no colegiado da Incubadora de Empreendimentos Solidários da UFU, Uberlândia MG. *Coordenador de debates* em círculo de cultura para grupos de economia solidária no empreendimento Artcon Velas. [flander@ufu.br](mailto:flander@ufu.br)

<sup>2</sup> Núcleo de atividade extensão universitária da Universidade Federal de Uberlândia

A educação popular na contemporaneidade como criação humana, requer, para que sua dinâmica possa ser compreendida num registro subjetivo, uma comparação à topologia da “Banda de Moebius”<sup>3</sup> posto que pretendemos concebê-la como uma categoria do conhecimento que se estrutura por um dentro e um fora do *standart*, no que se refere à relação entre o sujeito cognoscente e o objeto cognoscível, no campo do formal e do informal, em circuito dialético. Entendemos que estas instâncias (dentro e fora) delineiam-se por uma práxis na qual interagem: o sujeito, a leitura de mundo, as coisas faladas por cada um e o que é falado por todos, considerando suas dimensões contraditórias: palavra verdadeira e palavra oca (FREIRE, 1987).

Propomos entender a educação popular como o complexo **desejo de saber** que interliga dimensões da elaboração dialógica no coletivo cognoscente sem descartar a singularidade do sujeito e sua subjetividade. Tradicionalmente<sup>4</sup> é a educação popular uma criação da cultura de populações apartadas dos benefícios criados pela civilização que, em meio ao cotidiano desigual e fragmentado são impulsionadas pela necessidade de sobreviver com a determinação de superar sofrimentos de sua condição de “ser menos” (FREIRE, 1987 p. 30), conseqüência de uma ordem social perversa. A nosso ver, esse sofrimento da apartação é um gerador de angústia. Tal angústia, por sua vez, atua como fator desencadeante da invenção que Paulo Freire (2003, p. 59) denominou “saber-de-experiência-feito”, um saber que o sujeito em princípio “não sabe” que sabe, como e de onde vem, ou como se estrutura, mas, que se lhe torna familiar quando é eligido em ato pela “palavra verdadeira” que é trabalho, que é práxis (FREIRE 1987, p. 77). Comentamos (CALIXTO, 2007, p. 188) esse momento de invenção quando da experiência de Freire com a educação popular na descoberta do educando Joaquim ao associar as sílabas que compunham o nome de sua mulher “Nina”. A pesquisa de

---

<sup>3</sup> Banda de Moebius - Imagine um cinto de duas cores, preto de um lado e branco do outro lado. Se o traje pede preto, coloca-se o lado negro do cinto para fora, visível, ficando a parte clara escondida. Agora imaginem o seguinte: quando você for fechar o cinto, ao invés de fechá-lo como se faz normalmente, você decide torcer em 180 graus uma das extremidades. Depois dessa torção você fecha o cinto. No entanto, antes de desfazermos essa torção, observem a figura criada. Se vocês olharem com atenção, perceberão que, se percorrermos o lado branco do cinto, vamos chegar no lado negro (e vice-versa) e continuando retornaremos ao ponto de partida, o que implica dizer que o cinto fechado dessa maneira só tem um lado (apesar das duas cores), o que não ocorre com o cinto fechado tradicionalmente, que possui dois lados, o de dentro e o de fora. Pois bem, esse cinto torcido é uma figura geométrica tridimensional que pode ser expressa através de uma fórmula matemática. A figura ficou conhecida como curva ou banda de Moebius, em homenagem ao matemático que criou a fórmula e estudou suas propriedades singulares. A banda de Moebius ficaria restrita ao círculo dos matemáticos se Lacan não a tivesse trazido para o mundo da Psicanálise, ganhando então destaque como modelo de representação de nossa *psiquê*. Conforme a banda nos mostra, não podemos fazer distinções polares (do tipo interior/exterior, sanidade/loucura, bem/mal, certo/errado, amor/ódio) simplesmente porque não há distinções. Lembrem-se que a banda é uma moeda de um lado só.  
<<http://www.funke.com.br/zantina/palestras/2005/bandademoebius.htm>> Acessado em 06/08/2008.

<sup>4</sup> Não queremos dizer que só grupos apartados fazem educação popular, mas, em contextos que temos vivenciado as experiências predomina tal característica.

Joaquim entre letras e sílabas que eram desconhecidas, lhe permitiu avançar numa construção da sua vida cotidiana por meio do processo simbólico da escrita. Não é uma ordem metafísica que o “codifica e decodifica, mas, o contexto de uma “psicanálise histórico-sociocultural e política” (FREIRE, 2003, p. 56) pois, quando este saber passa ao plano consciente pela palavra (simbólico) o sujeito emerge de um “mutismo” consentido para interagir com o mundo transformando-o, seja nos campos político, material ou cognoscente. Em contato com sua descoberta, pode o sujeito, num primeiro momento, não ter elementos para teorizar o evento (simbólico), mas, à medida que, (segundo momento) PRONUNCIA O MUNDO com os demais e consigo próprio, ORALIZA o verbo duplo “falar-pensar” (FREIRE, 1990, p. 123) e vai criando circuitos lógicos para tecer o que era tido por mito ou não-conhecido, ou difícil.

Julgamos importante introduzir um conceito psicanalítico que está ligado à pulsão e ao potencial humano para invenção. Referimo-nos ao “*objet petit ‘a’*” ou também nomeado por “resto” que, a nosso ver, resgata o que Freire (por outro circuito) apontou na perspectiva da invenção como “saber mais”. Lacan (1998, p. 277) nos Escritos, afirma: “é o mundo das palavras que cria o mundo das coisas” e nos baseamos nesse aforismo para pensar a potencialidade criadora da palavra no círculo de cultura, onde, a princípio, se elabora a transformação do mundo (dimensões micro e macro), entendendo mundo como espaço de fala de onde advêm o “inédito-viável” (FREIRE, 1987, p. 107).

É importante ressaltar que, o campo do saber (conhecimento elaborado) não é facilitado ao alcance do sujeito excluído, ele se vê obrigado a criar o novo do aparente “nada”. É a acentuada privação que é reinvertida de angústia à invenção, materializando-se em “saber mais”. O conhecimento que possibilita a cidadania não se estruturou dentro dos circuitos da organização social formal, por isso é criado por circuitos de invenção. O sujeito em angústia cria “saber mais” (FREIRE, 1987 p. 30) para agregar ao seu “saber pouco”, respondendo à demanda gerada pela angústia e assim, inventa processos ou artifícios que compõem um saber novo que é trabalho. Gadotti, (2001, p. 132) comentando a associação do ato produtivo com o ato educativo em Marx, afirma que o trabalhador só pode estudar trabalhando, daí a necessidade de pensar a ação-reflexão nos empreendimentos como saber-mais fazendo o trabalho mediador de saber. Esse esforço brutal que realiza de si e com seus pares, em relação dialógica com o mundo, cria um circuito de insistência pulsional que o leva a bordejar o

“resto”<sup>5</sup>, o resto lacaniano, também chamado de indizível ou real — um lugar que jamais se revela, porém pulsa da dimensão do inconsciente, entre um “abre e fecha” (LACAN, 1979, p.136) —, movimento que permite lampejos de captura pelo sujeito brotando na fala que ascende do plano inconsciente ao consciente avessamente por um fora do sentido de saber e se constituir em “saber mais”. Na busca de saber decorrente de uma falta, da “falta-a-ser”, que gera angústia, de privação, jamais o sujeito se completa insistindo no que Freire afirma ao longo de toda sua obra: a incompletude do sujeito. O conjunto destes elementos são mixados numa engenharia dialógica que Freire (2002, p. 111) nas suas pedagogias, nomeia por “círculo de cultura”. Calixto (2007, p. 64) destaca o foco do “projeto de educação” freiriano que, em sentido amplo, poderia ser percebido como um projeto cultural que desliza pelo seu adentramento na práxis, ao resgatar no educando a oportunidade da voz para “dizer a sua palavra”, ato fundante de descoberta, de invenção, do inédito-viável, a escuta do dito. Podemos capturar no que Freire (1987, p.180) nomeou por síntese cultural, ou seja, o processo vivenciado ao longo dessa trajetória, em que fomos identificando os elementos constitutivos da ação dialógica: a co-laboração, a união, e a organização.

A segunda característica marcante da educação popular na atualidade, em especial nas experiências de economia solidária é a presença determinante do feminino. A mulher é um ator singular desses processos, protagonizando a maior parte das ações objetivas ou tendo papel decisivo na sua implementação e desenvolvimento. Há na presença feminina no contexto da produção um texto velado, uma quantidade de pistas que pretendemos investigar em futuro próximo e que para os termos desse trabalho não teríamos consistência para declinar em conjecturações. Todavia é notória a presença feminina nos empreendimentos de economia solidária e, a nosso ver, será a mulher que vai protagonizar as mudanças de estrutura no modo de produção nos próximos anos, mas, nada que se configure com o “discurso do “mestre”. E de modo especial, a crescente presença de corpo do “dizer a sua palavra” que Freire enfatiza de modo

---

<sup>5</sup> Lacan chama de *objeto 'a'* a causa do desejo, (...) o desejo do homem de ser desejado pelo Outro, revela o desejo do Outro como *objeto 'a'* (...) A criança gostaria de ser o único objeto de afeto da mãe, mas o desejo desta vai quase sempre além da criança: há algo sobre o desejo da mãe que escapa à criança. (...) Uma identidade estreita entre o desejo da criança e o da mãe não pode ser mantida; a independência do desejo da mãe do desejo da criança cria um corte entre elas, uma lacuna a qual o desejo da mãe, in compreensível para a criança, funciona de uma maneira singular. (...) um corte é induzido na unidade hipotética mãe-criança devido a própria natureza do desejo, e é esse corte que leva ao advento do objeto 'a'. O *objeto 'a'* pode ser entendido aqui como o **resto** produzido quando essa unidade hipotética se rompe, como um último indício daquela unidade, um último **resto** desta unidade. (FINK, 1998, p.82)

veemente em seus textos é constatada nas atividades dos círculos de cultura em que elas são predominantemente falantes. Nas formações de economia solidária há uma voz feminina dizendo a sua palavra, o que não que dizer que a opressão masculina deixou de existir, pois tivemos um empreendimento em que os maridos proibiram as mulheres de continuar as formações.

Ana Maria Freire (1993, p. 112), em sua obra *O analfabetismo no Brasil*, identificou que de longa data, a “interdição do corpo” foi um fator de subalternização de gênero na história brasileira, a começar pela educação:

Os homens de então eram suficientemente manhosos para interditar à mulher o acesso aos ‘espaços pecaminosos’. Afastando-a de certas áreas do saber perpetuavam sua submissão e negavam-lhe a possibilidade de divisão dos trabalhos de maior prestígio social.

Podemos perceber na economia solidária um forte apelo para romper com a opressão entre as mulheres e buscamos outra fala freiriana que nos remete a situações contraditórias que envolvem o sujeito produzindo uma aderência ao fato, e paralelamente, trazendo a evidência do fatalismo sobre suas vidas. Freire (1987, p. 94) chamou tais circunstâncias de **situações-limites**, em que as mulheres “as percebem como um obstáculo que não podem transpor, ou como algo que não querem transpor ou ainda como algo que sabem que existe e que precisa ser rompido”<sup>6</sup>. As situações-limite foram intensificadas na “modernidade fluida”<sup>7</sup> devido a expropriação acentuada pela globalização e provocaram efeitos na relação da mulher com o privado e o público ao ponto de deslocá-la de seu lugar-menos no que se refere à vida pública. Pensamos que a interdição do corpo é um desses “algo que precisa ser rompido”, e percebemos o fenômeno se dando na economia solidária em escala planetária, não somente visível no Brasil como em outras partes do mundo em que as situações-limite vão sendo rompidas. O caso do Banco *Grameen* em Bangladesh é um exemplo que demonstra a presença do feminino no centro da ação de mobilidade social. Embora se deva atribuir à genialidade de Muhammad Yunus<sup>8</sup> o empreendimento econômico que deu dignidade a milhares de mulheres indianas e de outros países pobres na Ásia, podemos observar, em depoimento de seu livro *O banqueiro dos Pobres*(2000), que foi sua aproximação na infância e na juventude com tarefas que, na sua cultura são tradicionalmente femininas, que lhe

---

<sup>6</sup> Cf. Notas de Ana Maria Freire na *Pedagogia da Esperança*, p.205)

<sup>7</sup> Cf. Bauman, 2001, p. 15

<sup>8</sup> prêmio Nobel da Paz 2006

permitiram capturar o lado feminino da opressão. Com esse olhar, desenvolveu por meio de uma tecnologia de microcrédito possibilidades de mobilidade social e dignidade humanas para muitas mulheres. Na verdade o invento de Yunus é sucesso incontestável, mas porque a mulher é a referência de êxito no seu empreendimento. E, mais uma vez podemos constatar que é o trabalho a forma de fazer o saber emergir para transformar as vidas oprimidas,

Ser pobre em Bangladesh é duro para todo mundo. Mas é pior ainda quando se é mulher. E quando as mulheres vêem surgir uma possibilidade, por modesta que seja, de sair da pobreza, elas se revelam mais combativas que os homens. (YUNUS, 2000, p. 116)

(...) a aldeia se ligará ao mundo inteiro graças a uma mulher pobre que utilizará o meio de comunicação mais moderno para ganhar a vida e sair da pobreza. (idem, p. 307)

Em nossa atuação junto aos empreendimentos solidários nas ações da Incubadora podemos testemunhar a escuta das vozes femininas crescendo nos coletivos de formação atuando nas decisões demonstrando uma curiosidade libertadora, e numericamente nossa experiência se origina de um coletivo predominantemente feminino.

A equipe da Incubadora de Empreendimentos Solidários da UFU tem dirigido seus esforços para concretizar ações políticas a partir do trabalho como acesso ao saber ao experimentar o processo de organização sob a ótica da economia solidária, se valendo metodologicamente de recursos e estratégias da educação popular. Conta com apoio institucional importantíssimo que, pela nossa experiência, torna-se visível no resultado de uma Nova Universidade que incorpora a educação popular na ordem das categorias do conhecimento aplicado<sup>9</sup>. É neste formato cooperativo que as ações são compactuadas no paradigma da “comunicação” como situação gnosiológica das ações de “*empowerment*”<sup>10</sup> com os grupos para produção “tomando o homem e mulher a quem serve como centro da discussão”<sup>11</sup> (FREIRE, 1977, p. 16). É no ato decorrente da

<sup>9</sup> Nas atividades de Extensão Universitária

<sup>10</sup> Cf. (FREIRE, 1986, p. 121) *Empowerment* - vocábulo inglês, sem tradução para o Português, refere-se a um conceito central no livro *Medo e Ousadia*, (Shor e Freire), muitos autores citam a palavra empoderamento aportuguesada do espanhol. Designa por ativar a potencialidade criativa de alguém, ato social, psicológico e político.

<sup>11</sup> Tomei a liberdade de incluir a palavra (mulher) na citação, apesar do texto original não contê-la, mas, seguindo o próprio pedido de Freire que devíamos reinventá-lo. (Calixto, 2007, 102) e, ainda, mesmo em

palavra escrita no texto do contexto de trabalho a que nos referimos pois, as ações assumem sua expressão dialógica de síntese cultural. Entendemos o paradigma da comunicação como uma proposição da Universidade Popular em pactuação com a comunidade posto que a intersubjetividade (sujeito-objeto) ou a intercomunicação (diálogo-política) formam a síntese cultural primordial no mundo de “palavração” e de *póiesis* (criação).

Inverno, 2008.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CALIXTO, Flander de Almeida. **A palavra em Paulo Freire e a palavra em Jacques Lacan**. 2007. 253 f. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação da USP. São Paulo. São Paulo, 2007.

FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FREIRE, Ana Maria A. **Analfabetismo no Brasil: da ideologia da interdição do corpo à ideologia nacionalista, ou e como deixar sem ler e escrever desde as Catarinas (Paraguaçu), Filipinas, Madalenas, Anãs, Genebras, Apolônias e Grácias até os Severinos**. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo. **A educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_. **Extensão ou comunicação?** Rio e Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Práxis**. São Paulo: Cortez, 1995.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

---

vida, após a passagem por Harvard, Freire adotou a linguagem de gênero como um reconhecimento devido a linguagem sexista que ele próprio reconheceu na *Pedagogia do Oprimido*.

\_\_\_\_\_, **O Seminário**. Livro 11 os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

PERLINGEIRO, Alexandre. **A (verdadeira) Banda de Moebius**. Disponível em <<http://www.funke.com.br/zantina/palestras/2005/bandademoebius.htm>> Rio de Janeiro: Zantina, 2005. Acessado em: 06 ago. 2008.

STRECK, D.R.; REDIN, E.; ZITKOSKI (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

YUNUS, Muhammad. **O banqueiro dos pobres**. São Paulo: Ática, 2000.